

## FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: UM ENTENDIMENTO POSSÍVEL DESTA RELAÇÃO

*Philosophy and education: a possible understanding of their relationship*

**Marcos Antônio Lorieri**  
lorieri@sti.com.br

### **Resumo Abstract**

O texto tem como objetivo apresentar um entendimento do que sejam concepções filosóficas e relação da Filosofia com a Educação. Aponta as grandes perguntas que provocam a investigação filosófica e suas áreas, e indica a necessidade de os educadores se empenharem no trabalho desta investigação.

The aim of this paper is to present an understanding of philosophical conceptions and the interaction between Philosophy and Education. It brings to light relevant issues that lead to philosophical investigation and its co-related areas, and indicates the need of educators to get involved in this investigation.

**Palavras-chave:** filosofia; filosofia da educação; educação.

**Key words:** philosophy; philosophy of education; education.

### **Concepções filosóficas**

Concepções filosóficas ou “filosofias” podem ser consideradas como sistemas teóricos que procuram apresentar entendimentos, produzidos de certa maneira sobre: o que é a realidade ou o mundo; o ser humano; o conhecimento; a verdade; o processo de valoração; o bem; o belo; a sociedade, o poder, a liberdade; a história; a linguagem; a educação, etc. Sua produção se dá, sempre, no interior de situações históricas concretas com todos os condicionamentos sociais, econômicos e políticos ali presentes, e se constitui num esforço, nem sempre tranquilo, de busca de respostas a necessidades de cada formação histórica ou de cada formação social, em cada época.

O que provoca essa produção são certas questões que os seres humanos sempre se colocam, às quais denominamos, aqui, de questões de fundo. Elas são sempre retomadas no decorrer da história humana e são recolocadas, tendo em vista as necessidades ou interesses de cada formação histórica ou de cada sociedade.

Há sempre uma luta pela construção das respostas a estas questões. Sua produção responde a interesses por encaminhamentos que se pretendem dar ao modo de funcionamento das sociedades, e é parte importante da luta política.

As grandes interrogações que os filósofos do passado fizeram permanecem no presente: os homens de hoje continuam a se colocar problemas sobre eles mesmos, sobre a vida, sobre a sociedade, sobre a cultura, sobre o transcendente, etc., que constituem verdadeiros desafios à nossa atividade reflexiva. (JAPIASSU, 1997, p. 104)

São questões básicas, ou questões que, lá no fundo, os seres humanos sempre as encontram e para as quais precisam de respostas que lhes sirvam de guias, ou de sentidos. Sentidos ou direções que os auxiliam no encaminhamento de suas vidas. Nunca são respostas precisas ou definitivas, mas cumprem este papel direcionador da existência humana, até que as condições objetivas, históricas, lhes demandem novas proposições. Fazer investigação filosófica é mesmo buscar, durante toda a vida, corrigir e aprimorar respostas a estas questões, sem se perder em ceticismos que nada indicam ou em relativismos que indicam pobremente (porque são particularistas). "... o problemático é inesgotável e se reafirma desumanamente, quaisquer que sejam nossos esforços." (LIPMAN, 1990, p. 51).

Acima, acenamos para algumas destas questões. A investigação filosófica a respeito ou a partir delas, organizou-se em áreas específicas da Filosofia conforme é apresentado a seguir. São indicadas as questões e as áreas que as investigam.

- O que entender por "mundo"? O que é a realidade na qual estamos, da qual fazemos parte e com a qual nos relacionamos? Como entender nossa relação com esta realidade (com este "mundo"): com o mundo natural (o que entendemos, mesmo, por natureza?); com o mundo social; com os vários "mundos" de cada pessoa? Como entender as afirmações relativas a possíveis mundos ou realidades transcendentais a este mundo no qual nos encontramos? Como entender os diversos "entendimentos" de mundo? O que, na verdade, constitui a realidade? O que é real? O que é aparência? O que existe? Por que existe o que existe?

A área da Filosofia que investiga estas questões tem sido denominada de Ontologia. Em certos entendimentos, é também denominada de Metafísica. A palavra ontologia, na sua origem grega, significa teoria ou estudo do ser. Estudo do ser de tudo: busca-se saber o que é tudo ou o que é a mesma coisa; busca-se saber qual é o ser de tudo. O que faz tudo ser o que é. Veja esta questão: O ser de todas as coisas é a matéria, ou há coisas cujo ser é algo não material? Haveria coisas ou seres que sejam ao mesmo tempo matéria e não matéria? Dependendo das respostas a estas questões, encaminhamos nossas vidas de uma maneira ou de outra, na relação com o que existe.

Aqui vale uma observação importante: há quase um descaso no trabalho da Filosofia em relação às questões do campo da Ontologia, ainda que lembrado em alguns momentos. Cabe ao trabalho da Filosofia da Educação reativar a reflexão sobre ou a partir dessas questões, como elemento importante na formação das pessoas e dos educadores, em especial. Em texto de 2007, Maria Célia M. de Moraes

chama a atenção para esse descaso em relação à Ontologia. Diz ela, convidando o leitor para que atente à Ontologia:

Hoje poucos questionam, por exemplo, que toda e qualquer prática humana, inclusive a ciência, pressupõe uma imagem, uma compreensão ou uma crença sobre o mundo, ou seja, uma ontologia, o eu está longe de significar qualquer relativismo ou nivelamento entre elas. A negação da ontologia não apenas torna as práticas humanas incompreensíveis, como efetivamente equipara as várias crenças sobre o mundo, impede a crítica e favorece o conservadorismo político. (MORAIS, 2009, p. 36)

Ou seja, dependendo de nossa concepção de mundo ou de realidade, encaminhamos, por exemplo, nossa produção de conhecimento e elaboramos nossa concepção de ser humano.

O “ser gente”. O que é o ser humano? O que constitui um ser humano? Ele é um ser diferente dos demais seres do mundo? Se sim, o que isto quer dizer? Como caracterizar esta diferença? O que é ser uma pessoa? O que significa ser considerado como uma pessoa? A quem consideramos, de verdade, como pessoa? Que condicionantes sociopolíticos estão presentes nas concepções de ser humano? Quais as consequências prático-sociais da nossa forma de compreender os seres humanos de um modo ou de outro; na verdade, quais as consequências políticas?

Denomina-se a área que investiga estas questões de Antropologia Filosófica. *Antropos*, no grego, significa ser humano. Estudo (*logia*) do ser humano numa perspectiva filosófica. Não numa perspectiva científica, como se faz na Antropologia Cultural. Dependendo das respostas a estas questões, definimos tanto nossa maneira de nos considerarmos e aos outros, quanto nossa maneira de nos relacionarmos com as pessoas.

Da mesma forma, vale aqui uma observação idêntica à colocada em relação à Ontologia. Pouco se investiga sobre o ser humano, do ponto de vista da Filosofia, ou pouco se propõe aos jovens e aos educadores que pensem o humano com a ajuda da Filosofia. Basta passar os olhos pelos manuais destinados ao ensino de Filosofia no Ensino Médio, para constatar a ausência de um capítulo de Antropologia Filosófica. Basta percorrer alguns programas de estudo de Filosofia da Educação, nos cursos de formação de educadores, quando existem, para se constatar a ausência da temática relativa ao ser humano. Diante disso, como esperar dos jovens, no caso do Ensino Médio, que desenvolvam uma concepção de ser humano que os convide, por exemplo, ao respeito pelas pessoas? Se a primeira reflexão não se dá (sobre o ser humano), a segunda fica prejudicada (sobre o respeito a este mesmo ser humano). Como esperar dos educadores que tenham consistência nas suas argumentações, por exemplo, quando discutem com crianças e jovens sobre a centralidade do humano na organização social, se não foram convidados e iniciados na reflexão antropológica?

Com relação à importância da Antropologia Filosófica no campo da Filosofia da Educação, dois pensadores brasileiros, Severino e Saviani, são enfáticos. Ambos apontam como primeira tarefa da Filosofia da Educação indagar sobre o ser humano e o sentido da educação. Severino é enfático em relação à temática da Antropologia Filosófica, até por conta de sua concepção de Filosofia como esforço por explicitar o significado da existência humana, dentro, é claro, do “esforço por abarcar a significação de todos os aspectos da realidade, com a maior profundidade possível”. (SEVERINO, 2002, p. 41). Saviani indica a mesma coisa. “E como a educação visa o homem, é conveniente começar por uma reflexão sobre a realidade humana” (SAVIANI, 1980, p. 29).

- Como entender o “entender”, isto é, como entender o pensar, o ter ideias, o conhecer, o saber a respeito de tudo, inclusive do próprio saber? Como as ideias estão em nossa consciência? Como elas se formam? Como explicar que podemos “ter as mesmas ideias” que outros têm a respeito de tantas coisas? Como entender a necessidade de certos esforços para podermos “entender melhor” certos fatos, certas situações, certas ocorrências. O que é pensar? O que é o conhecimento? Como entender que o nosso conhecimento é obtido por mediações quase nunca fáceis? Como entender tanto esforço por “obter” ou construir conhecimentos? Como entender tanta importância dada ao conhecimento? Os conhecimentos podem mesmo ser verdadeiros? Como entender a incerteza que está sempre presente no nosso processo de conhecer? Há condicionantes na nossa maneira de pensar e de conhecer? Como saber deles? Como eles afetam nosso conhecer?

Teoria do Conhecimento é a área da Filosofia que investiga essas questões e outras a elas relacionadas. Tem sido também denominada de Gnosiologia (estudo da *gnosis*, que quer dizer conhecimento, ou da *episteme*, de onde deriva outra denominação utilizada para designar esta área, a Epistemologia). Para certas concepções, esta última palavra é utilizada para o estudo ou a investigação filosófica relativa a uma das formas de conhecimento que é a ciência.

- Como entender o fato de os seres humanos “darem mais ou menos importância” a certas coisas, a certas atitudes, a certos aspectos da vida? Isso indica que há aspectos, coisas, objetos, atitudes, lugares, etc. que são preferidos e outros não. Há relações de “não indiferença” que se estabelecem entre os seres humanos e tantas coisas, fatos, situações, atitudes, etc. Este é o campo dos valores, e seu estudo, na Filosofia, constitui o âmbito da Axiologia. Dentro dele, insere-se o campo da Ética, no qual são trabalhados os temas que dizem respeito ao bem, ao certo, ao errado, relativamente às atitudes; os temas relativos à justiça, às regras em geral e às regras de conduta em particular, e aos princípios e critérios, em virtude dos quais avaliamos as regras de conduta ou as próprias condutas.
- A Ética, parte importante da Axiologia, é a área da investigação filosófica que nos auxilia para entendermos e definirmos, por exemplo, princípios e critérios, a partir dos quais elaboramos regras de conduta. O conjunto de regras de conduta de uma determinada sociedade chama-se de Moral, que tem a ver com Ética e, portanto, com Filosofia. Urge, cada vez mais, investigar a respeito, para que possam ser encaminhadas melhores definições para as maneiras de agir.
- No âmbito, ainda da valoração, portanto, no campo da Axiologia, há as questões relativas às apreciações estéticas e sobre as manifestações e produções daí decorrentes. Por que dizemos que algo é belo ou feio? Maravilhoso, sublime ou horrível, horripilante? Por que os seres humanos produzem arte? Para quê arte? As pessoas precisam ser não apenas “consumidoras”, mas “produtoras” de arte? Por quê? Há uma função social da arte? Por que arte?

Esta é outra área importante da investigação filosófica: a da Estética. O ser humano necessita da arte, tanto para produzi-la, quanto para consumi-la. A arte é tão vital para as pessoas quanto o conhecimento. Mas a Estética não se reduz à investigação sobre a arte, pois, como diz Morin: “O estado estético é um transe de felicidade, de graça, de emoção, de gozo e de felicidade. A estética é concebida aqui não somente como uma característica própria das obras de arte, mas a partir do sentido original do termo, *aisthêtikos*, de *aisthanesthai*, ‘sentir’” (2003, p. 132). Dá ênfase às diversas produções artísticas pela importância que elas têm na vida humana. Veja o que diz também Morin sobre a necessidade da

poesia, esta forma especial de arte: “o ser humano vive sua vida de alternância de prosa e de poesia, em que a privação de poesia é tão fatal quanto a privação de pão.” (MORIN, 2003, p. 141). Isso foi cantado (música e poesia) pelos Titãs.

- Os seres humanos vivem em sociedades e sentem que não podem viver a não ser juntos e em relação com outros seres humanos. Daí as questões relativas à vida em sociedade. Desde questões que provocam a investigação sobre o que é sociedade e qual sua importância na constituição das pessoas até questões relativas à sua organização, à democracia, à cidadania, à autoridade, aos direitos e deveres, bem como aos temas relativos ao poder e suas diversas formas na sociedade. Por que sociedade? Por que poder? Como entender a existência do poder e a necessidade da liberdade?

A área da Filosofia que se debruça na investigação a partir dessas questões é denominada de Filosofia Social e Política.

- Há, ainda, as questões relativas ao raciocínio ou ao argumento. O que é raciocínio? Como saber que um raciocínio é válido? Como identificar os raciocínios não válidos ou enganosos (as falácias)? Esta é a área da Lógica.
- Há outras questões que ensejam outras áreas de investigação filosófica. Por exemplo, as questões sobre a linguagem alimentam as investigações da Filosofia da Linguagem; assim como as questões relativas ao direito provocam as investigações da Filosofia do Direito e as relativas à História estimulam a Filosofia da História.
- As questões relativas à educação dos seres humanos provocam e alimentam uma área especial da investigação filosófica: a Filosofia da Educação.

Estas temáticas, com suas questões, expressam conteúdos que sempre ocuparam e envolveram os esforços do filosofar ao longo da história do pensamento humano. Podemos constatar isso na produção dos chamados grandes filósofos. Dificilmente, encontraremos algum que não tenha trabalhado todos estes temas ou parte substancial deles. Pode-se dizer que uma concepção filosófica, de modo geral, apresenta entendimentos nas áreas de Ontologia, Antropologia Filosófica, Teoria do Conhecimento (também denominada de Gnosiologia ou de Epistemologia), Axiologia que inclui a Ética e a Estética, a Filosofia Social e Política, a Lógica e outras áreas, como a Filosofia da Linguagem, a Filosofia da História, a Filosofia do Direito e a Filosofia da Educação, entre outras.

## Relação das concepções filosóficas com as teorias e práticas educacionais

Não há prática humana sem teoria. Ou seja, tudo o que fazemos, o fazemos por conta, também, de algum entendimento (teoria), ainda que enganado ou errôneo. Há sempre algum entendimento ou algum saber presente em nossas práticas. Quando realizamos algo, nós o fazemos com algumas indicações do que é isso, do que pode ou não pode ser feito, do que é bom, ou ruim, ou bonito ou feio, do que é adequado ou não socialmente, etc.

A prática de participar de estudos em escolas, inclusive no Ensino Superior, é uma prática que se orienta por entendimentos (teorias) sobre o que é estudar; o que é estudar, para se preparar para certas profissões; o que são profissões; o que é o trabalho; o trabalho na sociedade e na vida de cada um; o que é a vida; o que é bom na vida; o que é uma sociedade; o que é o poder na sociedade; o que são formas de organização da vida social, etc.

A prática da vida familiar tem, no seu interior, entendimentos (teorias) a respeito de muita coisa que envolve esta prática. Expressamos estes entendimentos nos mais variados momentos de nossa vida em família, especialmente, quando temos de justificar o que estamos fazendo para nós mesmos ou para os outros.

Teorias são necessidades básicas dos seres humanos. Severino (2002, p. 9) diz que "... a prática humana precisa da teoria para se expressar significativamente. (...) A teoria, em sentido amplo, é o esforço de realizar esta leitura e explicitar o sentido imanente à prática. É o meio possível para a leitura da realidade, para que ela possua algum sentido." E complementa: "A prática humana, em que pese a opacidade de sua gênese, só pode ser esclarecida e significada pela lucidez da consciência e pela expressão teórica da subjetividade. Não há outro caminho." Pois, como diz Horkheimer, "O futuro da humanidade depende da existência do comportamento crítico que abriga em si elementos da teoria tradicional e dessa cultura que tende a desaparecer." (1991, p. 68). Ele lamenta e denuncia a recusa à teoria e atribui a hostilidade a qualquer teoria à característica transformadora ou "modificadora ligada ao pensamento crítico." (idem, p. 61). Há um medo inconsciente da teoria até mesmo nos dominados, pois o pensamento teórico pode fazer "aparecer como equivocada e supérflua a acomodação deles à realidade, o que foi conseguido com tanto esforço." (idem, ibidem). Mas isso deve ser vencido, pois, "se não há continuidade no esforço teórico, então a esperança de melhorar fundamentalmente a existência humana perderá sua razão de ser." (idem, p. 62).

As práticas educacionais, por serem práticas humanas, sempre carregam consigo entendimentos, ou seja, teorias. Dentre elas, as teorias filosóficas. Em toda prática educativa há alguma teoria filosófica. Há entendimentos sobre: o que é a realidade (uma ontologia); o que é o ser humano (uma antropologia filosófica); o que é conhecimento (uma teoria do conhecimento); o que são os valores e, especialmente, os valores morais e estéticos (uma axiologia, uma ética, uma estética); o que é a sociedade (uma filosofia social e política); o que é a própria educação (uma filosofia da educação), e o que são outros saberes.

Nem sempre, porém, essas concepções estão claras para o educador. Ele, simplesmente, as absorveu no seu cultural como uma concepção "tranquila", sem necessidade de ser bem examinada.

Uma das tarefas básicas da Filosofia da Educação é a de propor aos educadores que conheçam, analisem e façam uma avaliação crítica das concepções filosóficas presentes nas práticas e nas teorias educacionais. Este conhecimento e esta avaliação crítica possibilitam que não sejamos ingênuos nas nossas escolhas educacionais. Esta é uma primeira tarefa da Filosofia da Educação, na formação dos educadores.

Além desta, há uma segunda tarefa, a de produzir concepções próprias. Cada educador deve ter para si o próprio entendimento sobre o mundo, o ser humano, o conhecimento, a sociedade, o poder, os valores éticos e estéticos, a história humana e a educação.

Em um texto que deu origem ao que consta no livro *Filosofia na Escola: o prazer da reflexão* (LORIERI; RIOS, 2008), que aqui é sintetizado, são apontadas algumas tarefas do filosofar que o educador deve realizar.

O que se pretende com a ação educativa é, de certa maneira, "influenciar" na maneira de ser das pessoas, nas suas relações consigo próprias, nas relações umas com as outras e com a natureza, ou seja, "influenciar" na maneira de ser da vida humana, no modo de produção social da existência humana. Não há ação educativa que não carregue o desejo de apontar caminhos do ser gente para as pessoas envolvidas na ação educativa. Os  *cursos de ação educativa*, que podem ser denominados de  *currículos*, como os que ocorrem nas escolas, carregam intenções explícitas. Há o desejo de produzir certos efeitos nos alunos, para que se tornem seres humanos de algum modo. Se há este desejo, ou

esta intencionalidade, será necessário examinar o que isso implica. Há intenções de auxiliar na formação de pessoas, de oferecer-lhes acesso a certos conhecimentos, de auxiliá-las a serem capazes de pensar e produzir conhecimento, por si mesmas e junto com os outros, a valorarem, a participarem de certa maneira da vida social e política, e assim por diante. Daí, se pode perceber a relação estreita da Filosofia e do filosofar com a Educação.

Se fazer educação, por exemplo, é buscar “influenciar” a maneira de ser gente das pessoas, há uma pergunta fundamental a ser feita: Qual é a maneira boa de as pessoas serem gente? Há, mesmo, alguma maneira de ser gente que seja boa por si mesma ou que seja melhor que outras? E, mais: É lícito que um ser humano busque “influenciar” outros quanto à maneira de ser gente? Como pensar esta ideia e estas questões para a educação escolar? O que é uma maneira boa de ser gente? Boa para quem? Afinal, o que é mesmo gente? O que é um ser humano?

Aí estão questões muito sérias às quais todos nós precisamos responder. A forma de conhecimento que nos pode ajudar nisso é a Filosofia. É com ela, com seu método reflexivo, crítico, profundo e abrangente, partindo de dados das demais formas de conhecimento, que os seres humanos têm produzido estas respostas. “Respostas” e não uma só resposta. E, aí, surge um novo problema: Qual é a boa resposta? Não se responde a isso de uma maneira simples. Nada, no campo da Filosofia, é simples. A resposta a esta questão vai depender de respostas a outras muitas questões. Quando investigamos filosoficamente, a partir das questões relativas ao ser humano, ao que é ser gente, ao sentido da existência humana, investigamos no âmbito da antropologia filosófica. Todo educador precisa fazer esta investigação.

Quando pensamos sobre: o que é viver em sociedade; o que é sociedade; o que é uma sociedade boa; realizamos reflexões no campo da **filosofia social e política**. Todo educador precisa fazê-las. Quando nos perguntamos sobre as implicações da ação educativa no encaminhamento do funcionamento da sociedade, da qual fazemos parte, tanto no sentido de ajudá-la a se manter como está, quanto no sentido de buscar formas de modificá-la, ou mesmo revolucioná-la, desenvolvemos reflexões filosófico-políticas, necessárias e importantes, para o encaminhamento lúcido de nossa ação educativa. Todo educador precisa fazê-las.

Se quisermos ajudar a formar seres humanos bons, ou influenciar e lutar por uma sociedade boa e justa, precisamos ter claro o que significam as palavras “boa” e “justa”. Isto nos leva a novas investigações sobre o que é o bem e o justo. Estamos em outro campo das investigações filosóficas: o campo da Ética. Estamos no campo da investigação filosófica sobre os princípios, as referências, os critérios que podem balizar as regras que indicam quais ações podem ser chamadas de boas e justas. Quando temos um conjunto de regras relativas às ações ou às condutas, temos uma moral. Mas, toda moral se assenta ou se baliza numa **Ética**, ou seja, em princípios, em referências, em critérios produzidos através de uma reflexão filosófica própria deste campo. Todo educador deve realizar tal reflexão para que tenha claros os princípios, a partir dos quais afirma e defende uma moral. E, também, para que possa propor esta moral aos seus educandos com argumentos sólidos e, ao mesmo tempo, possa ajudá-los na compreensão e na avaliação destes mesmos argumentos.

Há, na educação e, em especial, na educação escolar, a proposta de que as pessoas tenham conhecimentos cada vez mais claros, mais bem fundamentados e mais abrangentes sobre tudo. É, também, afirmado que a melhor forma de conhecimento é o científico. Através da **Teoria do Conhecimento**, a Filosofia investiga sobre e a partir das questões já apontadas anteriormente. Investigar filosoficamente, a partir destas e outras questões relativas ao conhecimento, é fundamental para a ação educativa escolar

que emprega grande parte dos seus esforços no trato com o conhecimento. É a partir dos resultados desta investigação que os educadores poderão justificar, para si mesmos e para seus alunos, os esforços relativos ao ensino e à aprendizagem de conhecimentos, e as recomendações para que, durante a vida, as pessoas busquem ter e produzir conhecimentos da maneira mais garantida possível. Todo educador precisa refletir filosoficamente sobre o conhecimento.

Discutimos sobre a beleza e sobre a arte; gostamos de arte, avaliamos a arte; queremos arte nas escolas. Por quê? Que importância tem a arte na vida das pessoas? Que relação é esta do ser humano com a beleza? O que é a beleza? São questões investigadas pela reflexão filosófica na área da **Estética**. Todo educador precisa se dar a oportunidade desta reflexão.

Por tudo o que foi dito, se vê o quanto é importante e necessária a reflexão filosófica na formação e na prática do educador. Há uma relação intrínseca entre Filosofia e Educação.

## Referências

HORKEIMER, M. Teoria tradicional e teoria crítica. In: HORKHEIMER, M.; ADORNO, W.T. *Textos escolhidos*. Tradução Zeljko Loparick e outros. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os Pensadores).

JAPIASSU, H. *Um desafio à filosofia: pensar-se nos dias de hoje*. São Paulo: Letras e Letras, 1997.

LIPMAN, M. *A filosofia vai à escola*. São Paulo: Summus, 1990.

MORAIS, M. C. M. de. Indagações sobre o conhecimento no campo da educação. In: ALMEIDA, M. L. P. de e MENDES, V. H. (Org.). *Educação e racionalidade: questões de ontologia e método em educação*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009, p. 21-53.

MORIN, E. *O método 5. A humanidade da humanidade: a identidade humana*. 2. ed. Tradução de Jurmir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2003.

RIOS, T. A. e LORIERI, M. A. *Filosofia na escola: o prazer da reflexão*. São Paulo: Moderna, 2008.

SAVIANI, D. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1980.

SEVERINO, A. J. A filosofia da educação no Brasil: esboço de uma trajetória. In: GHIRALDELLI Jr., P. (Org.). *O que é filosofia da educação?*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 265-326.

\_\_\_\_\_. *Educação, sujeito e história*. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

**Marcos Antônio Lorieri**

Programa de Pós-Graduação em Educação da Uninove

*Recebido em 20 de setembro de 2010*

*Aprovado em 20 de outubro de 2010*